

Blink

N. 03
Ano 2025

A revista da Educação não Formal

Reportagem

Como o Pinóquio
pode ajudar a detetar
mentiras nas escolas

Internacional

Os desafios da integração
através da Educação não
Formal na Suécia

Opinião

Como a Educação não
Formal pode ajudar a
resgatar a Democracia
Bruno António

Glenn Micallef

Aprender fora das salas de aula

O poder da Educação não Formal

GRANDE ENTREVISTA

DIRETOR

Luís Alves

EDITOR

Agência Nacional Erasmus+ Juventude/Desporto
e Corpo Europeu de Solidariedade

IMPRESSÃO

The Bold & Brave Agency, Lda.

CONSELHO EDITORIAL

Alberto Melo
Olívia Silva
Dina Soeiro
Sofia Marques da Silva
João Queirós
Vitor Dias
Paula Guimarães
Óscar Brandão
Luís Rothes
Rui Marques
Marcelino Lopes
Jo Claeys
José Bravo Nico
Carlos Ribeiro

Textos e Fotografias:

Agência Nacional Erasmus+ Juventude/Desporto
e Corpo Europeu de Solidariedade.
Carla Pires (Grande Entrevista)

Cronistas convidados:

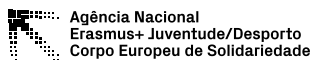
Bruno António, João Queirós

Ilustrações das crónicas de opinião:

Pedro Sousa Pereira

Alguns autores escrevem de acordo com a
antiga ortografia.

Depósito Legal:



Blink - A revista da Educação não Formal
Número 3 - Setembro de 2025

Todos os direitos reservados.
Copyright 2025: Erasmus+ J/D e CES

SEDE BRAGA
Forum Braga,
Av. Dr. Francisco Pires Gonçalves
4715-558 Braga, Portugal
t. [+351] 253 144 450
e. erasmusmais@juventude.pt

LISBOA
Rua Rodrigo da Fonseca, 55
1250-190 Lisboa, Portugal



Editorial

Luís Alves

A Educação não Formal (ENF) continua a revelar uma capacidade ímpar de se reinventar e de gerar respostas inovadoras em tempos que colocam à prova os nossos alicerces sociais e democráticos.

Nesta edição da Blink, essa força ganha voz na entrevista com Glenn Micallef, Comissário Europeu da Justiça Intergeracional, Juventude, Cultura e Desporto, que nos fala da ENF como um “ingrediente secreto” - um espaço onde aprendizagem, participação e coesão europeia se encontram e reforçam mutuamente, do coração da Ucrânia ao futuro do projecto europeu.

Percorremos ainda geografias e perspectivas onde a ENF está a transformar comunidades: da Suécia, com centros comunitários e escolas que abrem novos caminhos de criatividade e integração, a Portugal, onde projectos como o Pinóquio na Escola ensinam jovens a desmontar narrativas enganosas e a cultivar o pensamento crítico. Trazemos também reflexões sobre a vitalidade democrática e o papel da participação cívica, e uma leitura do estudo PIAAC que evidencia como a ENF é determinante para desenvolver e renovar competências e para apoiar a adaptação a contextos sociais, económicos, culturais e tecnológicos marcados por rápidas e profundas transformações.

Mais do que um repositório de histórias, a Blink é - e continuará a ser - um convite a olhar o mundo com curiosidade e sentido crítico, a ligar ideias e práticas de lugares diferentes e a valorizar o que nasce do encontro entre pessoas, culturas e experiências. É este olhar, aberto e comprometido, que nos move a cada edição: dar visibilidade a exemplos que inspiram, questionam e ajudam a imaginar novas formas de aprender e de educar para uma cidadania e vida plenas.

Assim é a Blink, nesta edição, um lugar onde Pinóquios trocam cordas por asas, o breaking molda corpos e cidadania, frigoríficos guardam ideias que não arrefecem e estações são apenas paragens para quem gosta de seguir viagem!

Sumário

16



06



Opinião

Bruno António, diretor executivo da DYPALL Network reflete sobre a Educação não Formal e a crise democrática.

08



Grande Entrevista

O Comissário Europeu Glenn Micallef fala sobre o papel crucial da Educação não Formal no empoderamento da juventude numa Europa em mudança.

Internacional

A Suécia procura equilibrar uma sociedade em transformação, através da Educação não Formal, onde a integração é o grande desafio.

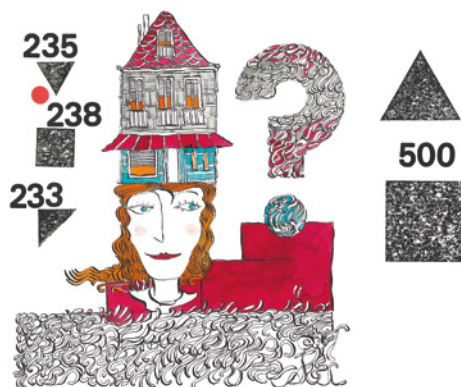
28



Reportagem

As “fake news” estão aí, mas como distingui-las?
O Pinóquio na Escola é um projeto de Educação não Formal que pretende guiar os jovens.

34



33



Europa

Na Europa há vários projetos que visam o combate à informação falsa, muitos deles apoiados pela Comissão Europeia.

Ensaio

João Queirós transporta-nos através do Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos.

39



In & Out

Sair das fronteiras e vencer medos e preconceitos, duas histórias sobre jovens que atravessaram fronteiras para ganhar mundo.

40



Reportagem

De pernas para o ar também se pode ver o lado certo da vida. Ou como a cultura do breaking pode mudar vidas e formar.

E

DUCAÇÃO NÃO

FORMAL E A CRISE

DEMOCRÁTICA

Bruno António

Diretor Executivo DYPALL Network,
Membro da bolsa de formadores em
Educação não Formal da Agência
Nacional para a Gestão do Programa
Erasmus+ Juventude e Desporto

Em abril foi publicado um estudo que confirma aquilo que já se sente de forma cada vez mais intensa: o crescimento do discurso de ódio, a normalização de ideias extremistas e a limitação de liberdades fundamentais. Segundo o relatório do European Policy Centre, nos países europeus, e em particular em Portugal, os jovens do sexo masculino têm uma probabilidade cinco vezes maior de votar em partidos de extrema-direita do que jovens do sexo feminino. Este fenómeno não se verifica apenas em Portugal, mas nós somos o segundo país da Europa onde este fenómeno acontece com maior intensidade, apenas atrás da Croácia, onde os rapazes abaixo dos vinte e cinco anos têm seis vezes mais hipótese de votar em partidos de extrema-direita, em relação a raparigas dentro do mesmo intervalo de idade.

Neste contexto, é importante olhar para os jovens. Em que contexto se inserem nos tempos que vivem? Que respostas encontram? E, acima de tudo, que ferramentas têm para participar e intervir num espaço público cada vez mais polarizado? Hoje, grande parte do “tempo de qualidade” dos jovens é passado na escola. Contudo, ao analisarmos honestamente qual é o papel da escola na preparação cívica e política das novas gerações, percebemos rapidamente que há um enorme défice. A escola continua a falhar na missão de explicar as várias dimensões da democracia, de dar a conhecer as diferentes ideologias políticas, ou demonstrar, na prática, a importância da participação, seja ela cívica ou política.

Existe pouco espaço dentro do tempo de qualidade que o jovem passa na escola, para poder aprender sobre o mundo e

a perceber de que maneira funciona a sociedade e as nossas instituições democráticas. Exemplo prático disto são as aulas de cidadania que poderiam ser um espaço privilegiado para trabalhar estes conteúdos, mas que muitas vezes os professores não têm as ferramentas necessárias para trabalhar estas temáticas. Muitas vezes a partir da entrada no ensino secundário, altura crucial para o desenvolvimento do pensamento crítico num jovem, estes assuntos simplesmente desaparecem da sala de aula.

E se essa aprendizagem é pouco trabalhada, em que moldes poderíamos trazer outra dinâmica?

É aqui que entra a Educação não Formal. Uma abordagem metodológica centrada no indivíduo, tendo em consideração diferentes preferências de aprendizagem, que usa a realidade e a atualidade como ponto de partida, como uma oportunidade para a aprendizagem, e que se baseia em métodos participativos. Uma forma de aprender que rejeita a ideia de uma figura “detentora do saber”, e que reconhece que todos, através das suas vivências, opiniões e experiências, têm algo a contribuir para um processo que é, acima de tudo, coletivo. Valorizando o papel de cada um na construção do conhecimento.

Quando um jovem se sente parte ativa do seu processo de aprendizagem, e sente que contribui também para a aprendizagem dos outros, tem um impacto real e transformador. É um sentimento de emancipação que dificilmente se encontra nas abordagens educativas mais tradicionais.



Mas esta frustração que encontramos nos jovens e que se manifesta de diversas formas, também se dirige ao sistema de ensino. E é precisamente por isso que se impõe uma reflexão séria sobre a forma como educamos. A urgência de integrar, no ensino, abordagens mais participativas, centradas na pessoa, assentes nos princípios e métodos da Educação não Formal, é cada vez mais notória. Capacitar professores, escolas e instituições para que deixem de ser apenas fábricas de futuros profissionais, e passem a usar também todo o seu potencial para serem verdadeiros espaços de formação para uma cidadania democrática.

Se conseguirmos introduzir, de forma sistemática e estrutural, esta lógica no espaço escolar, estaremos a dar um passo importante na construção de competências fundamentais para que os jovens compreendam a sociedade, nela atuem e sejam verdadeiros agentes de mudança. Quer na escola, quer nas suas comunidades ou quaisquer outros espaços onde intervêm.

Estes são os pilares fundamentais. A Educação não Formal é uma das ferramentas mais eficazes no trabalho formativo para os valores democráticos, a cidadania e a participação. Porque os jovens vivem essas situações, experimentam-nas. Não há método mais eficiente e que perdure no tempo do que a vivência.

Muitos jovens com quem trabalhamos expressam a sua frustração, repetindo uma frase que já começa a ser um 'slogan' "estamos num sistema de ensino do século XIX, com professores do século XX, e alunos do século XXI!".

É tempo de mudar! De trazer para dentro da escola novas metodologias educativas. De trabalhar com o sector associativo e de abrir as portas da escola às entidades da sociedade civil. Estas têm as ferramentas e o conhecimento para trabalhar estas temáticas. Não tenho a mínima dúvida, pois existem vários exemplos em Portugal e por toda a Europa, de como podemos trabalhar em conjunto com as escolas, na criação de espaços de aprendizagem que são mais impactantes, atrativos e onde os jovens têm prazer na aprendizagem.

Como escreveu Dostoiévski, "*Every man is not only responsible for what he does, but what everyone else does.*" Não podemos, como sociedade, continuar a olhar para o lado. Temos, sim, de criar estratégias onde esta mesma responsabilidade seja não só enaltecida, mas também benéfica para o próprio.

Tal como a antiga Escola Peripatética, onde se aprendia enquanto se caminhava, debatía e convivía com os outros, precisamos de voltar a um modelo em que a aprendizagem está viva, em movimento, ligada ao mundo e às pessoas.

É esse o desafio. E é também a nossa responsabilidade.

O INGREDIENTE SECRETO DA APRENDIZAGEM

Uma conversa sobre Educação não Formal

Entrevista com
Glenn Micallef

A conversa entre o Comissário Europeu da Justiça Intergeracional, Juventude, Cultura e Desporto e o Diretor da Agência Nacional Erasmus+ Juventude/Desporto e Corpo Europeu de Solidariedade começou em Lviv, recentemente nomeada Capital Europeia da Juventude 2025. Mas foi já em Bruxelas que Luís Alves entrevistou Glenn Micallef sobre o papel crucial da Educação não Formal no empoderamento dos jovens em toda a Europa. Oriundo de Malta, Micallef partilha a sua visão sobre como programas como o Erasmus+ e o Corpo Europeu de Solidariedade estão a ajudar a construir um futuro mais inclusivo e democrático - tanto para a Ucrânia como para o projeto europeu em geral.



O que significa Educação não Formal para si?

A Educação não Formal (ENF) é como o “ingrediente secreto” da aprendizagem — significa aprender através de atividades planeadas e orientadas, mas que não fazem parte do currículo escolar formal. Pode transformar a aprendizagem numa consequência positiva de experiências envolventes e frequentemente sociais. Na minha opinião, a cultura, o desporto e o voluntariado são os melhores exemplos.

A ENF procura desenvolver competências e aptidões em jovens e adultos, promovendo a cidadania ativa. Acontece em workshops, aventuras ao ar livre, intercâmbios culturais, jogos de simulação — atividades que muitas vezes parecem brincadeiras, mas que resultam em aprendizagens profundas e duradouras.

Pense em como aprendeu alguma habilidade ligada a um passatempo. Provavelmente foi a fazer, em grupo, partilhando experiências e descobrindo novas perspetivas. Esse é o poder da Educação não Formal.

A ENF influenciou o seu percurso pessoal, profissional e político? Como?

A resposta é claramente: sim! A ENF tem sido, e continua a ser, uma parte fundamental da minha formação. Por exemplo, através do desporto aprendi algumas das lições mais importantes da minha vida. O envolvimento com a minha equipa local de futebol em Malta teve um impacto profundo no meu percurso. Passei de jovem jogador, um “médio criativo”, a vice-presidente do clube. O futebol ensinou-me lições inestimáveis sobre trabalho de equipa, competências interpessoais e comunicação.

A essência do nosso Modelo Europeu de Desporto é o nível base. É aí que a Educação não Formal tem maior impacto. Através do desporto e da brincadeira, aprendem-se responsabilidades, competências sociais e lições duradouras sobre saúde física.

No último “Dia da Europa” regressei ao meu antigo clube e emocionei-me ao ver que os valores de inclusão, justiça e solidariedade que lá aprendi ainda estão vivos e em campo.



“A ENF e os programas europeus para a juventude desempenham um papel crucial quando enfrentamos esses desafios. ”

Como é que a ENF e os programas da UE ajudam a enfrentar desafios sociais e políticos modernos, como desinformação, polarização política e exclusão social?

Todos conhecemos o termo “soft skills”, mas pode ser difícil defini-los. Para mim, são as competências que nos tornam humanos, mas também úteis num grupo. Parte disso é saber processar informação e usar a inteligência emocional.

A ENF e os programas europeus para a juventude desempenham um papel crucial quando enfrentamos esses desafios. Ensinam os jovens a pensar criticamente, a usar os media de forma consciente e a trabalhar com pessoas de diferentes origens. Criam ligações reais e incentivam os jovens a viajar pela União Europeia e a explorar a sua diversidade.

Desenvolver estas competências ajuda a combater a desinformação e as notícias falsas. Através de atividades significativas, a ENF capacita os jovens para participarem ativamente nas suas comunidades e contribui para sociedades mais democráticas e inclusivas.

Qual é a importância destes programas para o próprio projeto europeu?

O Erasmus+ e o Corpo Europeu de Solidariedade são constituídos com base na ligação humana. Mostram que, ao serem expostos a outras culturas, os jovens descobrem valores comuns que vão além das fronteiras europeias. Estes programas são fundamentais para reforçar o sentido de unidade e identidade europeia e dar vida ao projeto europeu de uma forma tangível, pessoal e duradoura.

Ao proporcionar oportunidades aos jovens para estudarem, receberem formação, organizarem projetos e fazerem voluntariado por toda a Europa e além, estes programas ajudam a derubar barreiras culturais e a promover o diálogo intercultural.



Ao interagirem com culturas diversas e colaborarem em desafios comuns, os jovens europeus tornam-se embaixadores dos valores da UE e, ao viverem esses valores, tornam-se também seus defensores ativos. Refiro-me a valores como a inclusão, a diversidade, a democracia e a paz.

O Erasmus+ e o Corpo Europeu de Solidariedade reforçam, em conjunto, os alicerces do projeto europeu.

Qual o impacto do Erasmus+ e do Corpo Europeu de Solidariedade num contexto de desafios sociais e geopolíticos?

O Corpo Europeu de Solidariedade e o eixo Juventude do Erasmus+ são um investimento importante no nosso futuro democrático. Quer se trate de ajudar em projetos locais ou de responder a crises, os jovens adquirem competências, confiança e um sentido mais forte de identidade europeia. Através do voluntariado e de projetos comunitários, o Corpo Europeu de Solidariedade e o Erasmus+ ajudam a ultrapassar divisões culturais, apoiar grupos vulneráveis e reforçar o envolvimento democrático. Em suma, não se trata apenas de fazer voluntariado ou participar num projeto, mas de moldar a próxima geração de europeus empenhados.

Ao investir nos jovens de países como a Ucrânia, a Albânia ou o Montenegro, estamos a fazer um investimento a longo prazo em sociedades democráticas e inclusivas. O Erasmus+ apoia esta missão através do envolvimento cívico, da participação democrática e da inclusão social entre os jovens dos países vizinhos. Reforça os sectores da juventude no terreno e ajuda os jovens a estabelecer ligações com os seus pares em toda a UE.

Para muitos países candidatos, também contribui para construir uma infraestrutura de voluntariado e ligar os jovens a um propósito europeu mais alargado. As raízes só crescem em solo fértil.

Em conjunto, ambos os programas preparam os jovens — e a sociedade em geral — para a adesão à UE, reforçando os valores partilhados e o sentimento de identidade europeia.

Como é que estes programas ajudam concretamente os jovens no acesso ao emprego e na luta contra a exclusão social?

Através do voluntariado em áreas como os cuidados sociais, o ambiente ou o trabalho com jovens, os jovens desenvolvem competências importantes fora da sala de aula. A comunicação, o trabalho em equipa e a liderança estão “integrados” na experiência de voluntariado. São competências essenciais valorizadas pelos empregadores.

De forma semelhante, para além das conhecidas trocas académicas, o Erasmus+ apoia projetos de Educação não Formal que dotam os jovens de competências para o mercado de trabalho atual. Para muitos, uma experiência no Corpo Europeu de Solidariedade ou no Erasmus+ é o primeiro passo para se tornarem indivíduos confiantes e participativos na sociedade.

Ambos os programas têm uma abordagem inclusiva, apoiando jovens de todas as origens, por exemplo, através da oferta de mentoria e cobertura financeira para eliminar barreiras. Medidas de inclusão específicas garantem que todos possam aceder a experiências significativas, seja no estrangeiro ou nas suas



próprias comunidades. Em suma, o Corpo Europeu de Solidariedade e o Erasmus+ não apenas melhoram a empregabilidade, como também ajudam os jovens a expandir os seus horizontes e a sua perceção do que é possível.

“ o Erasmus+ apoia projetos de Educação não Formal que dotam os jovens de competências para o mercado de trabalho atual”



“ A Educação não Formal tem sido essencial para a juventude ucraniana durante a guerra ”

Estivemos em Lviv, Capital Europeia da Juventude. Qual o papel da ENF neste esforço de solidariedade com a Ucrânia?

Lviv é um exemplo de resiliência. O lema “Not easy but move” é simbólico. A ENF tem sido essencial para a juventude ucraniana durante a guerra, seja em centros de juventude que funcionam como abrigos ou em organizações que oferecem apoio psicossocial e educação cívica.

Mesmo nos tempos mais difíceis, é essencial manter o espaço para a esperança. Jovens deslocados na UE têm acesso igual a projetos Erasmus+ e do Corpo Europeu de Solidariedade. Em 2023, foram financiados dez projetos (2,7 milhões de euros) para apoiar deslocados pela guerra.

Desde 2024, o Erasmus+ inclui a Ucrânia em ações de Capacitação para Juventude e Desporto, com nove projetos aprovados no valor de 2,4 milhões de euros.





Como vê o papel de Lviv neste contexto e o seu potencial para inspirar toda a Europa?

É uma honra estar em Lviv e ver de perto a energia da juventude ucraniana. A cidade demonstra que o envolvimento jovem pode gerar resiliência e esperança mesmo nos piores momentos. Os jovens não estão apenas a sobreviver à guerra, estão a criar, a organizar-se, a construir o futuro de uma Ucrânia baseada na democracia, solidariedade e nos valores europeus.

Há mais alguma área que gostaria de destacar?

Sim — duas áreas particularmente relevantes: o Compasso Cultural Europeu e a Estratégia Europeia para a Justiça Intergeracional. O Compasso Cultural vai celebrar a diversidade cultural europeia e promover melhores condições para quem trabalha neste setor. Como disse numa intervenção aqui na Ucrânia: se quiseses destruir uma nação, ataca a sua cultura. Proteger essa cultura é um ato de orgulho e resistência.

A nossa meta com a justiça intergeracional é garantir que as políticas da UE sirvam tanto as gerações presentes como futuras, o que é essencial para um futuro estável e democrático.

“
**Se quiseses
destruir uma
nação, ataca a
sua cultura**
”

Perfil

Glenn Micallef

Político e economista maltês, 35 anos. Desde dezembro de 2024 que é Comissário Europeu para a Justiça Intergeracional, Juventude, Cultura e Desporto. Licenciado pela Universidade de Malta e com mestrado em Direito/Política Europeia. Frequentou o Colégio Europeu, em Bruges, e participou no Future Leaders Invitation Programme, em 2023. Foi Chefe de Gabinete do Primeiro-Ministro Robert Abela e Presidente da Fundação da Catedral de São João (2021–2024). É casado com uma arquiteta e vereadora em Kalkara, Malta. Foi vice-presidente do clube Zabbar St. Patrick FC.

INTERNACIONAL

E

STOCOLMO

NÃO HÁ COMBOIO NA ESTAÇÃO
NEM GELO NO FRIGORÍFICO



Fryshuset (“Casa do Frigorífico”) e Trainstation (“estação de comboios”) são as designações de duas instituições suecas visitadas pela BLINK nos arredores de Estocolmo. Sendo diferentes, ambas procuram equilibrar uma sociedade em transformação, através da Educação não Formal e onde a integração é o desafio.



FRYSHUSET, UMA IDEIA NUM PAÍS TRANSFORMADO

Em 1984, Anders Carlberg, antigo parlamentar e figura de destaque nos movimentos estudantis dos anos 60 na Suécia, viu num armazém frigorífico abandonado uma oportunidade improvável: criar um espaço seguro para jovens se expressarem e crescerem longe da criminalidade e do abandono.

Fryshuset (“Casa do Frigorífico” em sueco) situa-se na zona sul de Estocolmo, naquele que é hoje o moderno e dinâmico bairro de Hammarby Sjöstad. À primeira vista, o espaço poderia passar por mais um centro cultural nórdico de arquitetura funcional. Mas basta entrar para se perceber que ali pulsa uma energia diferente, onde a Educação não Formal tomou conta das operações.

Na verdade, tudo começou com a ideia de Carlberg em transformar o “frigorífico” num skate park e num pavilhão dedicado ao basquetebol. Mas o que depois cresceu em seu torno foi uma instituição sem fins lucrativos que se tornou, ao longo das últimas quatro décadas, um modelo internacional de integração social, criatividade urbana e inovação educativa.

Quando a Educação não Formal toma conta do processo



No final do Século XX, Estocolmo já começava a sentir os efeitos de uma juventude fragmentada e marcada pela imigração crescente, desigualdade social e falta de perspectiva em muitos dos bairros periféricos que começavam a crescer. Carlberg acreditava que, ao invés de punir os comportamentos problemáticos dos jovens, era preciso ouvi-los e proporcionar-lhes caminhos.

O sucesso do Fryshuset transformou a ideia numa das maiores organizações juvenis da Europa, com dezenas de projetos ativos e presença em várias cidades da Suécia, como Malmö ou Gotemburgo. Recebe anualmente milhares de jovens, muitos deles em risco.

Mas o que faz este projeto singular é a sua abordagem educativa. O espaço é simultaneamente um centro escolar, um complexo desportivo, uma incubadora cultural e um porto seguro para jovens em situação de risco.

No Fryshuset Gymnasium, a escola secundária que faz parte da instituição, os alunos podem escolher entre áreas como música, dança urbana, basquetebol, gaming ou empreendedorismo, integradas num currículo oficial reconhecido pelo Ministério da Educação da Suécia.

A ideia é unir a paixão individual de cada jovem ao desenvolvimento das suas competências académicas e sociais. Mas a aprendizagem vai muito além da sala de aula e usa a Educação não Formal para completar o círculo de formação individual e,

sobretudo, de aspiração social. Para isso, há salas de ensaio, oficinas de carpintaria, estúdios de gravação, palcos, cafés, espaços de meditação e até áreas dedicadas ao diálogo inter-religioso.

Do subúrbio à liderança

Um dos programas do Fryshuset é o “Exit”, criado para apoiar pessoas que querem deixar movimentos extremistas ou violentos, sejam eles gangues urbanas, redes de criminalidade organizada ou grupos de extremistas. Estes ex-militantes são acompanhados por mentores que podem já ter passado pelo mesmo processo, oferecendo apoio psicológico, formação profissional e reintegração comunitária.

Há também o “Elefanten i rummet” (“O Elefante na Sala”), uma plataforma onde os jovens podem falar abertamente sobre saúde mental, ansiedade, bullying ou problemas familiares, muitas vezes em contextos onde esses temas são tabu.

Sendo uma instituição que não fecha as portas a jovens marginalizados que não podem pagar uma mensalidade, Carlberg encontrou formas de financiamento muito diversificadas que combinam fontes públicas e privadas. O Fryshuset recebe

apoios do governo sueco e dos municípios que identificam jovens em risco e os referenciam à instituição, mas também conta com fundos europeus, crowdfunding e mecenas empresariais, com marcas que investem em responsabilidade social.

Empresas como a H&M, a Ericsson ou a Spotify já colaboraram com o Fryshuset, seja através de doações, mentoria de jovens ou projetos de inovação social. Atletas, artistas e outras figuras públicas contribuem com meios, mas também com conhecimentos, como é o caso do músico, produtor e cineasta Quincy Jones III, filho do conhecido músico norte-americano com o mesmo nome, que ofereceu e ajudou a montar estúdios de gravação.

A partir destas parcerias e da capacidade instalada, a organização também gere os seus próprios eventos culturais, festivais e espaços alugados, gerando receitas adicionais e autonomia financeira.

Apesar de profundamente enraizado no contexto escandinavo, o modelo Fryshuset e o seu recurso à Educação não Formal é hoje estudado e replicado em diversos países, tendo sido estabelecidas parcerias com instituições na Jordânia, África do Sul, Estados Unidos e em vários países europeus.

Tirar jovens dos “arredores da sociedade”

Jasmine Traoré trabalha em comunicação estratégica especializada em juventude, paz e segurança. Acredita que a construção da paz passa pela mediação e pelo papel das organizações de base e da sociedade civil na prevenção da violência. No Fryshuset atua como líder do “Brave Space”: uma plataforma centrada na juventude para fortalecer a sustentabilidade pessoal, o bem-estar e a resiliência de indivíduos e organizações que trabalham em comunidades afetadas por crises e conflitos.

Numa sua apresentação a que a BLINK assistiu em Estocolmo, explicou que “o segredo está em conseguirmos criar dinâmicas de grupo alternativas às que os jovens aprendem nos arredores da sociedade e para isso precisamos de espaços em que se sintam seguros para que possamos trabalhar com eles”.

Apesar de profundamente enraizado no contexto escandinavo, o modelo Fryshuset e o seu recurso à Educação não Formal é hoje estudado e replicado em diversos países



HL ANINGE

APANHAR O COMBOIO DA INCLUSÃO

Se em Estocolmo encontrámos um frigorífico sem gelo, a sul da capital sueca, no município de Haninge, pudemos visitar uma estação de comboios... sem comboios. Na verdade, esta Trainstation não serve para gerir passageiros ou carruagens, mas tem a capacidade de nos transportar facilmente para outra dimensão: a da Educação não Formal.



Apesar de tudo, o nome Trainstation tem um passado ferroviário, pois a sua primeira sede foi mesmo numa antiga estação de comboios, mas Johan Cedermark, um dos seus fundadores, explicou à BLINK que a denominação também pode ganhar a conotação de estação de treino ou “training station”.

Para o que realmente importa, é uma instituição vibrante de Educação não Formal dedicada a jovens que, por diferentes razões, se encontram em risco de exclusão, pelo que não admira que a fossemos encontrar encaixada entre bairros sociais.

Fundada com o apoio do município de Haninge e organizações da sociedade civil, a Trainstation é um espaço híbrido onde a pedagogia tradicional cedeu o lugar a métodos mais flexíveis, baseados em confiança, criatividade e participação ativa, recorrendo normalmente à tecnologia digital.

O seu foco são jovens até aos 25 anos, muitos dos quais enfrentam desafios como abandono escolar precoce, desemprego, problemas familiares ou experiências de migração mal sucedida ou mesmo forçada. "Aqui nunca perguntamos o que

falhou. O que nos importa é encontrarmos um caminho para cada um", explicou-nos Johan enquanto nos mostrava um estúdio de gravação digital e uma sala em que duas crianças muito jovens faziam música literalmente com os pés.

Um dos principais pilares da instituição é o relacionamento humano. Educadores sociais, psicólogos e mentores acompanham de perto os jovens, promovendo rotinas, objetivos personalizados e, sobretudo, um sentimento de pertença. “A Trainstation pode servir como um ponto de partida vocacional, pois podem aqui experimentar a costurar, a fazer produção multimédia, por exemplo. Mas o objetivo nem sempre é esse, por vezes estão connosco a construir Lego e basta-nos sentir que os estamos a ajudar a desenvolver capacidades e a integrarem-se na sociedade, descobrindo o seu caminho”, concretiza Johan.

A ligação com o setor empresarial local é outro trunfo. A Trainstation estabelece parcerias com empresas de Haninge e da Área Metropolitana de Estocolmo, abrindo portas para estágios, formações práticas e até empregos.



UNG 137: O CÓDIGO POSTAL DE JORDBRO

Não muito longe da Trainstation, a BLINK foi encontrar a Ung 137, um centro juvenil que se tornou ponto de encontro e de expressão para os jovens do bairro de Jordbro, considerado como uma área vulnerável do município de Haninge.

O nome deste centro é, em si, uma provocação, pois é uma referência ao código postal do local com criminalidade. Mas a missão vai muito além da geografia: trata-se de criar oportunidades, promover participação ativa e fortalecer o sentido de comunidade a jovens entre os 13 e os 20 anos.

“Queremos que cada jovem se sinta visto e ouvido aqui”, afirma Hanna Ahmed, explicando que “o Ung 137 é sobretudo um espaço onde se constrói confiança e se abrem portas”.

Além de jogos, música e workshops, o centro promove debates sobre temas sociais, sessões de apoio escolar e projetos criados pelos próprios jovens, que são encorajados a assumir um papel ativo na programação do espaço.



Foi lá que encontrámos Nedson N'dele, um angolano radicado na Suécia, e Petra Johansson, que nos guiaram pelas instalações, onde sofás, recantos, pianos e uma cozinha convivem num open-space acolhedor, onde a partilha está sempre presente na narrativa.

Perguntámos a Nedson se a ideia é ajudar os jovens que frequentam o Ung 137 a fazer, por exemplo, os trabalhos de casa da escola formal que frequentam. “Não temos essa capacidade ou função específica. Não somos professores. Mas sim, se quiserem vir para aqui estudar ou fazer um trabalho, são bem-vindos”, conta.



JORDBRO PARKLET: SIMPLES E EFICAZ

Ainda no mesmo bairro, percebemos a existência de outros projetos dedicados aos jovens, sempre procurando a sua integração social através da Educação não Formal e sempre com alguma intervenção da autarquia. É o caso de um pequeno oásis verde designado Jordbro Parklet, uma intervenção urbana simples, mas eficaz que devolveu o espaço público aos habitantes - sobretudo aos jovens e famílias do bairro.

Este parque foi instalado com a colaboração de jovens locais, artistas e organizações comunitárias. “O mais importante aqui não é o espaço, mas o que ele representa: é um lugar onde a comunidade pode estar, criar e ser visível”, explicaram-nos Omer e Samira, dois dos coordenadores do projeto apoiado pelo município de Haninge.

“O mais importante aqui não é o espaço, mas o que ele representa: é um lugar onde a comunidade pode estar, criar e ser visível”



Mais do que um jardim urbano, o Parklet é usado para eventos culturais, concertos informais, oficinas ao ar livre e momentos de descanso no dia a dia do bairro. A sua criação envolveu diretamente jovens de centros como o Ung 137, reforçando o sentimento de coautoria e valorização do espaço público.



VEGA SCHOOL & ACTIVITY HOUSE

O moderno bairro de Vega, na periferia de Estocolmo, é outra face do município de Haninge, fazendo parte de um ambicioso projeto de desenvolvimento urbano que visa criar uma comunidade sustentável e coesa. Desde 2019 passou por uma significativa expansão, com a construção planejada de mais de 4.000 novas habitações, incluindo apartamentos, casas geminadas e vivendas, que fizeram crescer a comunidade de 6.500 pessoas, em 2018, para mais de 10 mil atualmente.

Em Vega tudo parece estar no sítio certo, com ciclovias, áreas verdes, parques e espaços públicos de grande qualidade, além de excelentes transportes, capazes de ligar os cidadãos ao centro de Estocolmo em menos de meia-hora.

Mas o desenvolvimento não se ficou pelo urbanismo puro e duro e a prova disso está na Vega School & Activity House, que a BLINK encontrou em pleno bairro de Vega, e que serve como um ponto de encontro para educação, cultura e lazer. Trata-se de um centro comunitário inovador, inaugurado em agosto de 2023, combinando uma escola com diversas instalações culturais e desportivas, onde a Educação não Formal desempenha o papel principal.

O moderno estabelecimento de ensino atende alunos desde a pré-escola até ao 9º ano, incluindo uma unidade de ensino adaptado. Projetado para acomodar cerca de 750 estudantes, as suas instalações são modernas e espaçosas, refletindo práticas pedagógicas contemporâneas inspiradas na filosofia Reggio Emilia, enfatizando a criatividade e a aprendizagem ativa.



Literatura, música, desporto e mais...

Na Vega School & Activity House, encontramos um conjunto de equipamentos que, além de servirem a escola, estão também abertos à comunidade. É o caso da biblioteca escolar e pública, equipada com áreas de estudo e acesso a Wi-Fi gratuito. Ou das instalações desportivas que incluem um pavilhão polidesportivo com dimensões oficiais e uma sala de movimento, utilizadas por clubes desportivos locais e em eventos comunitários. Ou ainda do Café Vega, que é gerido em parceria com a Igreja Sueca e oferece um ambiente acolhedor para eventos e encontros.

A “Kulturskola”, por sua vez, oferece cursos de música, dança, teatro e artes visuais para crianças e jovens, e o “Fritidsgård” é um espaço dedicado a jovens do 7º ao 9º ano, com atividades recreativas e apoio educativo.

O centro organiza regularmente eventos culturais, como oficinas de arte, peças de teatro e atividades desportivas. Essas iniciativas visam fortalecer os laços comunitários e oferecer oportunidades de Educação não Formal que não se limitam à comunidade escolar, mas que se abrem a toda a comunidade.

ÖREBRO

AWESOME PEOPLE:
TRANSFORMAR VIDAS COM EMPATIA

A cidade sueca de Örebro, com cerca de 120 mil habitantes, fica na margem ocidental do lago Hjälmarén, junto à foz do rio Svartån, a apenas 200km de Estocolmo, 280km de Gotemburgo e a pouco mais do que 300km de Oslo, o que lhe confere uma localização central na Escandinávia, funcionando como ponto de encontro cultural.



E foi aí que a BLINK encontrou uma organização que se vem destacando por promover transformação social, em especial junto da juventude. Trata-se da “Awesome People”, uma instituição sem fins lucrativos cujo nome não é apenas uma marca, mas uma filosofia: acreditar que todas as pessoas têm algo de incrível a oferecer ao mundo.

Juventude como força motriz

Fundada em 2013, esta organização nasceu do desejo de criar oportunidades significativas para jovens, especialmente os que se encontram em situação de vulnerabilidade ou marginalização.

A Awesome People atua como uma ponte entre culturas, experiências e comunidades, incentivando o engajamento ativo e o desenvolvimento pessoal através de projetos locais e internacionais. O seu foco está, pois, em capacitar jovens para que se tornem agentes de mudança, tanto nos seus próprios bairros como à escala global.

Para isso, oferece um amplo leque de atividades, como programas de voluntariado, treino em liderança, empreendedorismo social e intercâmbios culturais através do programa Erasmus+. “O nosso objetivo é criar espaços seguros onde os jovens possam crescer, aprender e descobrir o seu potencial. Acreditamos que cada pessoa tem algo único para contribuir, e trabalhamos para cultivar isso”, explicou-nos, à chegada, um dos coordenadores da organização.

Mas, a Awesome People, não se fica pela atividade em Örebro ou sequer na Suécia, e é já reconhecida pelo seu forte envolvimento internacional. Todos os anos, a instituição envia e recebe voluntários de diferentes países, promovendo o diálogo intercultural e aprendizagem mútua. Jovens de toda a Europa participam em projetos que envolvem temas como sustentabilidade, inclusão social, direitos humanos e empreendedorismo juvenil.

A organização também colabora com escolas, municípios e outras ONGs para realizar workshops e eventos educativos, muitas vezes com foco no combate ao racismo, promoção da igualdade de género e fortalecimento da coesão social em comunidades multiculturais.



“O nosso objetivo é criar espaços seguros onde os jovens possam crescer, aprender e descobrir o seu potencial. Acreditamos que cada pessoa tem algo único para contribuir, e trabalhamos para cultivar isso”





Escape Room Portátil: um jogo com um propósito

Em tempos em que a educação precisa ser cada vez mais envolvente, interativa e acessível, a instituição de Örebro encontrou uma solução inovadora e surpreendente: escape rooms portáteis. Mas, ao contrário do que muitos imaginam, essas não são apenas brincadeiras de raciocínio rápido. São espaços móveis de aprendizagem, empatia e transformação social.

As escape rooms portáteis da Awesome People são experiências imersivas que combinam resolução de enigmas com mensagens sociais poderosas. Cada sala itinerante é cuidadosamente projetada para abordar temas importantes como direitos humanos, discriminação, empatia, inclusão, saúde mental e alterações climáticas, entre outros.

A ideia é simples e eficaz: aprender de forma divertida, ligando a mente ao coração. Através de narrativas criativas e desafios colaborativos, os participantes são levados a refletir sobre realidades complexas, mas de forma acessível e envolvente. As escape rooms são construídas para serem transportadas e montadas em escolas, eventos comunitários, conferências e centros juvenis, o que as torna extremamente versáteis.

“Queremos que os participantes saiam do jogo com mais do que apenas a satisfação de terem resolvido um enigma. Queremos que saiam com novas perguntas, novas perspectivas e vontade de agir”, explicou um dos monitores durante uma sessão

com um grupo de portugueses que se deslocou à Suécia para conhecer casos de estudo.

As escape rooms têm sido utilizadas com sucesso em escolas secundárias, projetos de integração de jovens refugiados, formações para educadores e eventos públicos. A sua mobilidade permite que o impacto chegue a comunidades que muitas vezes não têm acesso a atividades educativas alternativas. São, por isso, malas que transportam Educação não Formal.



Impacto mensurável, experiências inesquecíveis

De acordo com dados fornecidos pela Awesome People, mais de dois mil jovens já participaram nas suas escape rooms portáteis desde o lançamento do projeto. Os resultados apontam para um aumento significativo do envolvimento dos participantes com os temas tratados, além do fortalecimento de competências como trabalho em equipa, pensamento crítico e empatia.

Uma das escape rooms mais populares é a que trata de preconceito e estereótipos, onde os jogadores precisam de desvendar a história de uma personagem fictícia baseada em experiências reais de exclusão e racismo. A narrativa, combinada com elementos físicos e digitais, convida os jovens a colocarem-se no lugar do outro de forma prática e emocional.

HÁ UM PINÓQUIO NA ESCOLA QUE DESCOBRE MENTIRAS



A crescente preocupação com a disseminação de informações falsas, a que vulgarmente chamamos "fake news", tem levado muitos órgãos de comunicação social a desenvolver projetos de verificação de factos (*fact-checking*), com o objetivo de ajudar o público a distinguir a verdade da mentira.

O jornal online Polígrafo é um dos exemplos mais notórios nesse domínio, destacando-se não apenas pelo trabalho direcionado às redes sociais, mas também pela visibilidade conquistada através da parceria com a estação televisiva SIC.

Contudo, este tipo de escrutínio, frequentemente centrado em temas políticos e generalistas, não esgota as potencialidades do *fact-checking*, que pode também ser aplicado em contextos mais específicos, como o meio escolar. Foi nesse espírito que surgiu um projeto de Educação não Formal, com abrangência nacional, que visa ensinar os jovens a separar o trigo do joio.

Para cumprir esse objetivo, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Polígrafo lançaram o projeto "Pinóquio na Escola", com o apoio da Representação da Comissão Europeia em Portugal, do Gabinete do Parlamento Europeu em Portugal e da Agência Nacional Erasmus+ Juventude/Desporto e Corpo Europeu de Solidariedade. O propósito é claro: capacitar os alunos do ensino secundário para identificar e combater a desinformação, reforçando simultaneamente o seu pensamento crítico.

A iniciativa desenvolve-se em duas fases complementares. A primeira decorreu no primeiro trimestre deste ano, tendo passado por todas as regiões de Portugal Continental e das Regiões Autónomas e arranque no Funchal. Ao todo foram realizadas 14 sessões, a que se somou uma última, em Lisboa.

Durante estes encontros, foram realizados workshops interativos que disponibilizaram a alunos e professores ferramentas e



Mariana Lameiras
Investigadora da Universidade
das Nações Unidas

materiais pedagógicos gratuitos, concebidos para identificar e desmontar estratégias de desinformação, com particular foco nas redes sociais.

A BLINK acompanhou a sessão realizada em março, em Guimarães, que se destacou pela presença de algumas centenas de alunos e por uma abordagem prática ao fenómeno da informação enganosa.

Durante o workshop, os estudantes analisaram casos reais de notícias falsas, aprenderam a identificar sinais de alerta e a utilizar ferramentas digitais de verificação de factos. A interação direta com jornalistas do Polígrafo permitiu-lhes compreender melhor os mecanismos que alimentam a propagação de conteúdos falsos e conhecer estratégias eficazes para os contrariar. Os professores também participaram em atividades específicas, centradas na integração da literacia mediática nos currículos escolares. Foram debatidas metodologias pedagógicas e apresentados recursos didáticos que podem ser usados para fomentar o pensamento crítico dos alunos.

Entre os convidados, esteve Mariana Lameiras, investigadora da Universidade das Nações Unidas, que partilhou com os alunos algumas estratégias práticas baseadas no seu trabalho académico sobre a relação entre tecnologias e cidadania. Destacou, por exemplo, a importância de consultar fontes originais e documentos que sustentem as informações difundidas, bem como, sempre que possível, contactar os autores das afirmações, para verificar a sua veracidade.

O ANTÍDOTO DE RUI DIAS: “LEIAM JORNAIS”

Também presente no encontro, o jornalista Rui Dias, correspondente do Jornal de Notícias em Guimarães, sublinhou que o melhor antídoto contra a desinformação continua a ser a leitura regular da imprensa. “Leiam jornais. Mas não leiam só o JN ou só o Público, leiam também o Expresso, o Polígrafo e o Correio da Manhã, leiam todos, e não apenas um”, recomendou à jovem plateia, defendendo o pluralismo informativo.

O jornalista destacou ainda o papel do profissional da informação como “mediador”, formado para selecionar, tratar e apresentar os factos com credibilidade, respeitando regras deontológicas, éticas e editoriais que filtram e impedem a disseminação de conteúdos falsos ou pouco credíveis.

Ler jornais, ouvir rádio e acompanhar canais de televisão noticiosos, sujeitos a escrutínio editorial e obrigados ao cumprimento de códigos e leis, são, na sua perspetiva, a forma mais eficaz de combater a proliferação de desinformação e discernir entre o que é falso e verdadeiro.

Com a conclusão da etapa do roadshow, o projeto entrou na segunda fase: um concurso nacional que desafia os estudantes do ensino secundário a criarem conteúdos originais, em formato de texto, vídeo ou publicações para redes sociais, capazes de desmontar narrativas enganosas que circulam no espaço público europeu.

Os participantes têm liberdade para escolher o tema, com a condição de abordar casos de desinformação com relevância a nível europeu e português. O Polígrafo sugere tópicos como as alterações climáticas, migrações, pandemia de COVID-19, guerra na Ucrânia, transfobia e processos eleitorais, todos temas que têm sido alvo de campanhas persistentes de desinformação nas plataformas digitais.

No lançamento do projeto Pinóquio na Escola, Fernando Esteves, diretor e fundador do Polígrafo, já tinha destacado a importância do projeto: “A desinformação é um dos maiores desafios do nosso tempo e a única defesa real contra ela é o pensamento crítico. No Polígrafo, acreditamos que o jornalismo vai além da verificação de factos e que é também um compromisso com a capacitação dos cidadãos”, afirmou.

Sara Beatriz Monteiro
Jornalista



Rui Dias

Jornalista correspondente do Jornal de Notícias em Guimarães

Mas na sessão a que a BLINK assistiu em Guimarães, Sara Beatriz Monteiro, jornalista que tem acompanhado este projeto, foi mais prática, explicando como podem os jovens desenvolver capacidades para se defenderem da desinformação. Não partilhar informação não fidedigna é a principal regra apontada pela profissional, lembrando que “a mentira é mais rápida do que a verdade” e que “a desinformação pode ter consequências graves, pelo que parar as notícias falsas é um dever de todos”.





“O ambiente escolar é um meio de disseminação de desinformação”, afirma Filipe Pardal

Filipe Pardal, dirigente da European Fact-Checking Standards Network (EFCNSN), é também diretor de operações do Polígrafo, onde, em novembro do ano passado, publicou um artigo de opinião intitulado “A mentira começa na porta ao lado”. No seu texto defende que “o *fact-checking* local não é um luxo; é uma necessidade urgente. E aqueles que o fazem por essas redações fora – mesmo que de forma não estruturada, mesmo que apenas por uma pessoa – são, muitas vezes, os últimos bastiões contra a mentira institucionalizada.”

A BLINK perguntou-lhe se o projeto Pinóquio na Escola também é um bem de primeira necessidade e não um luxo ou se o ambiente escolar e académico está mais protegido da mentira do que a sociedade em geral: “o ambiente escolar é um meio propício à desinformação e à sua partilha. Por um lado, os jovens têm ainda alguma falta de noção das consequências da partilha de informação falsa, por outro, usam muito as redes sociais, onde muita dessa desinformação tem origem”.

Filipe Pardal distingue, aliás, dois tipos de desinformação, normalmente em circulação: a intencional e a que acontece por puro desconhecimento da verdade. “A segunda é mais comum e tem nos jovens uma maior facilidade de disseminação, já que os mais novos têm mais dificuldade em distinguir as fontes e perceber a sua credibilidade”, explica.

Mas, apesar de considerar que projetos como o Pinóquio na Escola são importantes para dar aos jovens essa “literacia” que ainda não têm, o diretor de operações do Polígrafo alerta para a ainda maior vulnerabilidade dos mais velhos. “A título pessoal considero que o problema é maior nas faixas etárias mais velhas, pois enquanto os mais novos têm uma natural facilidade para usar melhor as plataformas para identificar e assinalar desinformação, os mais velhos não têm essa facilidade de uso e acabam por ser mais vulneráveis”.



Faz então sentido perguntarmo-nos sobre quem mais recorre ao *fact-checking* como ferramenta para distinguir a verdade da mentira. Sobre isso, Filipe Pardal lembra que o Polígrafo está presente em vários tipos de plataforma, desde o site, à SIC e à TSF, além das redes sociais e que os públicos são muito variados. As gerações mais velhas usam sobretudo o Facebook, onde a maioria dos que consultam o *fact-checking* do Polígrafo tem mais do que 55 anos. A idade média baixa no site para a faixa etária entre os 34 e os 55 anos, ainda mais no Instagram (24 a 35) e é radicalmente mais baixa no TikTok (16 a 20).

Nesta última plataforma, o Polígrafo já tinha desenvolvido um projeto chamado “Geração V”, que criou uma redação virtual em que os “repórteres” eram usuários jovens, acompanhados por “verdadeiros” jornalistas. Estes projetos com jovens, como o Pinóquio na Escola ou o Geração V, ajudaram a redação do Polígrafo a perceber que os mais novos gostam que o *fact-checking* tenha conclusões, ainda a que a conclusão possa ser, por exemplo, “impreciso”.

Estas experiências de Educação não Formal têm ajudado o Polígrafo a perceber a validade do seu trabalho, que Filipe Pardal considera diferente do restante jornalismo. “Uma das coisas que o *fact-checking* traz ao jornalismo é que olha para locais diferentes e não apenas para as fontes habituais, como por exemplo para as redes sociais. E como não damos “últimas horas” a nossa prioridade é dar mais informação”, conclui.

Relativamente ao Pinóquio na Escola, embora o primeiro ano do projeto não esteja concluído, indica que para já superou as expectativas. “É um projeto piloto, mas as escolas estão a dar um feedback muito bom e há cada vez mais a pedir sessões. Se avançarmos para um segundo ano, tentaremos estender a duração por mais tempo e tentaremos ir a mais locais”, conta Filipe Pardal, completando que “mesmo assim, fizemos mais sessões do que esperávamos (14), além de uma final em Lisboa e estivemos em todas as regiões do país”.

“A Fundação Calouste Gulbenkian defendeu a democracia mesmo quando não havia democracia”, lembra Pedro Calado

Pedro Calado, Diretor do Programa Democracia e Sociedade Civil da Fundação Calouste Gulbenkian, reforçou, em declarações à BLINK, o empenho da instituição em “fortalecer o ecossistema de combate à desinformação, promovendo cidadãos mais ativos, mais capazes de compreender e agir diante das ameaças que comprometem a qualidade das nossas democracias.”



Pedro Calado

Diretor do Programa Democracia e Sociedade Civil da Fundação Calouste Gulbenkian

Recordando os quase 70 anos da Fundação, Pedro Calado relembrou projetos anteriores, como as bibliotecas itinerantes, criadas para levar conhecimento e literatura aos quatro cantos de um país em escassez informativa. “Com isso, defendemos a democracia mesmo quando não havia democracia”, ironizou, referindo-se aos tempos em que a censura e a falta de meios limitava o conhecimento. “Hoje, o desafio é o oposto. É o excesso de informação e a dificuldade crescente em perceber o que é ou não verdadeiro”.

Referiu ainda a ligação histórica entre o crescimento da imprensa e a consolidação das democracias e alertou para a tendência atual de degradação da qualidade da informação, com o desaparecimento de muitos meios de comunicação, nomeadamente regionais.

“A qualidade e a verificação das fontes está crescentemente em causa por haver hoje uma menor mediação da informação”, alerta. “Veja-se a forma como as pessoas hoje encaram a ciência. A quantidade de terraplanistas que proliferam atualmente era inimaginável há 20 ou 30 anos.”

O Pinóquio na Escola insere-se assim na missão da Fundação de promover uma cidadania informada e ativa, num quadro europeu e pode, no futuro, ir muito além da escola. “Pensámos começar no contexto escolar e convidámos a Direção-Geral da Educação a juntar-se a este projeto. É com satisfação que o vemos crescer e que cruzando temas como o ambiente, a alimentação ou a saúde, estamos realmente a formar cidadãos.”

Por isso mesmo, Pedro Calado adiantou-nos que a Fundação pondera expandir o projeto a outras faixas etárias, corroborando o que nos disse Filipe Pardal, do Polígrafo, sobre a vulnerabilidade dos mais velhos: “os cidadãos de maior idade são alvo de muita desinformação e pensamos que levar este tipo de iniciativas até eles, poderá ser o próximo passo e ser muito interessante para a cidadania”, concluiu.

NA EUROPA HÁ MAIS “PINÓQUIOS”

Além do projeto agora desenvolvido em Portugal, há ou houve outros programas de Educação não Formal que tendo sido desenvolvidos nas escolas de outros países na Europa pretendiam a mesma coisa.

FAIR NEWS:
Áustria, Bulgária, Itália e Roménia também procuram notícias justas



O Fair News é um projeto cofinanciado pelo Programa Erasmus+ voltado para estudantes do ensino secundário da Áustria, Bulgária, Itália e Roménia. O objetivo é descobrir o que faz uma notícia ser justa e ensinar jovens a identificar vieses e fontes de confiança no panorama mediático atual.

Através de laboratórios interativos e workshops, os participantes exploram operações de literacia mediática e informação, aprendendo a navegar e colaborar na criação de notícias inclusivas e equitativas. O projeto culminou com a publicação do Fair News Guide, um guia prático destinado a educadores e estudantes, que será útil tanto em contexto escolar quanto comunitário.

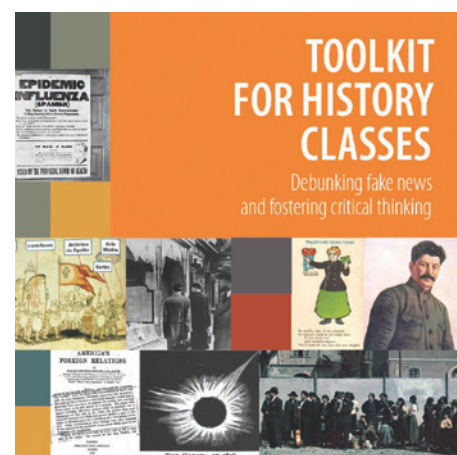
FAKE OFF!



O também chamado Fostering Adolescents' Knowledge and Empowerment in Outsmarting Fake Facts foi um projeto Erasmus+ na área da juventude (2018-2020) com forte ênfase na literacia digital em Espanha. Criou um pacote de aprendizagem digital composto por uma app interativa com atividades e plataforma de comunicação e por um recurso online para formadores e crescentes, com materiais didáticos, vídeos, gráficos e exercícios para jovens e educadores. O formato combina métodos formais e não formais e os jovens aprendem enquanto jogam (game based learning) e participam em oficinas em contexto escolar ou centros de juventude. É um exemplo marcante de uso de Educação não Formal dentro de estruturas escolares: jogo sério, aprendizagem ativa, colaboração entre pares e reflexão crítica sobre informação falsa.

Embora o FAKE OFF! Tenha sido concluído em 2020, os seus recursos (app, toolbox, materiais) continuam acessíveis e aplicáveis no presente, podendo ser integrados em currículos escolares ou programas de clubes extracurriculares.

HISTOLAB: outra forma de combater as “fake news”



O Conselho da Europa, no âmbito do projeto HISTOLAB, lançou em 2024 o toolkit “Debunking Fake News in History Classes”, que pode ser usado não só em escolas, mas também em contextos de Educação não Formal com jovens.

Composto por 11 atividades práticas, inclui debates, jogos de papéis e exercícios de análise de fontes, ajudando os participantes a identificar desinformação, discursos de ódio e narrativas manipuladas. Adaptável a workshops, clubes de jovens ou centros comunitários, o recurso promove pensamento crítico e competências mediáticas, fundamentais para enfrentar os desafios da desinformação.

E

DUCAÇÃO NÃO FORMAL E COMPETÊNCIAS DOS ADULTOS: O QUE DIZEM OS DADOS DO PIAAC?

João Queirós

Escola Superior de Educação do
Politécnico do Porto e Instituto de
Sociologia da Universidade do Porto
Subcoordenador do Grupo de Projeto
do PIAAC em Portugal (2019-2024)

O PIAAC e as competências dos adultos em Portugal

Entre 2019 e 2024, Portugal iniciou e concluiu com sucesso, pela primeira vez, a sua participação no Programa Internacional para a Avaliação das Competências dos Adultos (*Programme for the International Assessment of Adult Competencies*, PIAAC), estudo internacional multiciclo que a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) dedica à temática das competências da população adulta.

Na primeira ronda do Ciclo 2 do PIAAC, foram 31 os países que concretizaram as operações associadas ao Inquérito às Competências dos Adultos, principal componente do Programa, e que passaram, por isso, a dispor de dados extensivos e atualizados sobre a posse e o uso de competências e sobre o nível de proficiência das pessoas com idades compreendidas entre os 16 e os 65 anos, nos domínios-chave da literacia, da numeracia e da resolução de problemas¹.

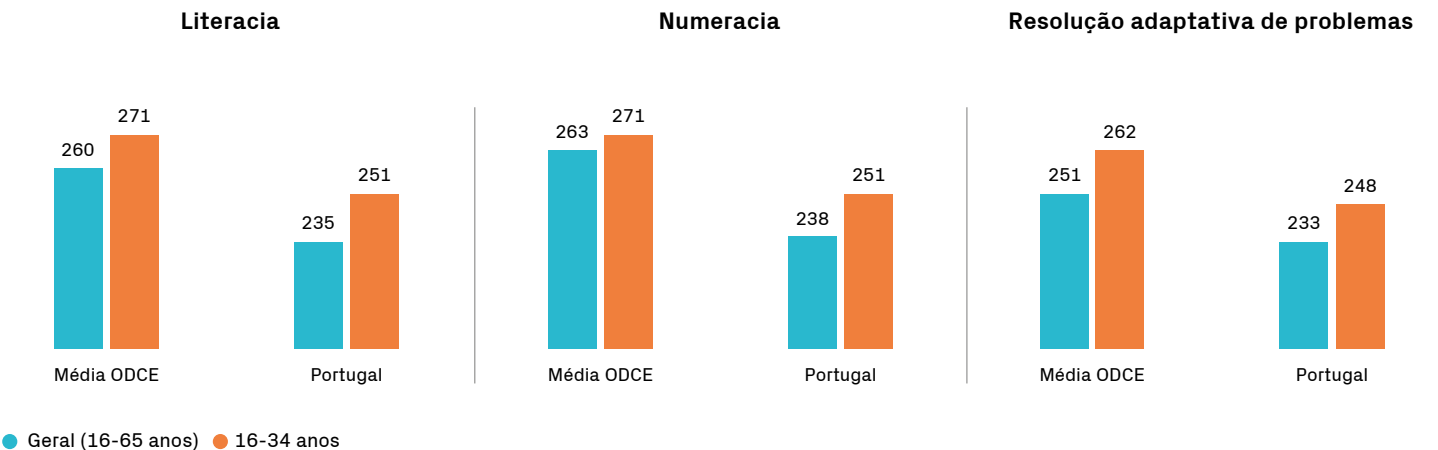
Numa apreciação panorâmica dos resultados disponibilizados em dezembro de 2024, sobressaem os indicadores referentes ao nível relativamente baixo de proficiência que apresentam, em média, os adultos residentes em Portugal. Numa escala com valor máximo de 500 pontos, a proficiência média registada no nosso país ficou-se pelos 235 pontos na literacia, pelos 238 pontos na numeracia e pelos 233 pontos na resolução adaptativa de problemas, situando-se estes resultados em patamares significativamente inferiores aos registados, também em média, no conjunto dos países participantes no estudo (Figura 1).

Mais relevante ainda é o facto de uma fatia muito significativa dos adultos residentes em Portugal apresentar níveis de

proficiência situados abaixo dos limiares considerados mínimos para responder adequadamente aos desafios das sociedades atuais: na literacia, por exemplo, 42% dos adultos portugueses apresentam proficiência de “Nível 1” ou “Abaixo do Nível 1”, numa escala que surge dividida em cinco níveis, e em que apenas a partir do “Nível 2” se considera estarem reunidas condições para uma confrontação mínima dos desafios associados à apropriação, interpretação e mobilização de informação escrita na vida quotidiana. Estas são pessoas adultas que têm dificuldade em compreender e mobilizar informação que não esteja claramente indicada e que surja em suportes e composições escritas que não sejam textos curtos ou listas organizadas.

Os níveis de proficiência revelam-se significativamente mais elevados no grupo dos adultos mais jovens (16-34 anos) – em Portugal, estes adultos apresentam uma vantagem de 16 pontos na literacia, 13 pontos na numeracia e 15 pontos na resolução de problemas face às pontuações médias registadas para o conjunto da população adulta –, mas a situação de desfavorecimento da população portuguesa face à performance média observada na OCDE mantém-se mesmo se considerado apenas este grupo etário (Figura 1)².

Figura 1
Proficiência média do conjunto dos adultos (16-65 anos) e dos adultos jovens (16-34 anos) nos domínios da literacia, numeracia e resolução adaptativa de problemas, na OCDE (média geral) e em Portugal (escalas de 500 pontos).



Fonte: OECD, *Survey of Adult Skills*, 2024.
Elaboração própria a partir de dados extraídos do *PIAAC Data Explorer*.

¹ Para saber mais sobre o PIAAC, consultar: <https://www.oecd.org/en/about/programmes/piaac.html>. Sobre a participação de Portugal no Ciclo 2 do PIAAC, ver: <https://www.anqep.gov.pt/np4/piaac/>.

² Os resultados principais do Inquérito às Competências dos Adultos, componente principal do PIAAC, podem ser consultados em OECD (2024). Os dados do PIAAC podem ser consultados e tratados com recurso ao *PIAAC Data Explorer*, uma ferramenta online de acesso livre disponibilizada pela OCDE em <https://piaacdataexplorer.oecd.org/ide/idepiaac/>.



A relevância da Educação não Formal

Por não ter concluído a sua participação no Ciclo 1 do PIAAC – que incluiu três rondas de inquirição realizadas entre 2012 e 2017 em 38 países –, Portugal não dispõe ainda de resultados de investigação consolidados acerca da relação entre participação em atividades de Educação não Formal e níveis de proficiência da população adulta residente no país. Essa é uma linha de investigação que os dados disponibilizados em dezembro de 2024 passam a permitir desenvolver para o caso português e cuja exploração beneficiará certamente dos resultados dos estudos que noutros países têm vindo a ser realizados a este propósito.

Alguns desses resultados atestam não apenas a associação positiva entre participação em Educação não Formal e proficiência em literacia, numeracia e resolução de problemas em situações e ambientes tecnologicamente desafiantes (Cegolon, 2015; Sulkunen, Nissinen & Malin, 2021; Nygren et al., 2019), mas também os efeitos económicos e sociais positivos que, em geral, decorrem do envolvimento das pessoas adultas em atividades educativas e formativas desta natureza. Tais efeitos

incluem, entre outros: probabilidades acrescidas de encontrar um emprego e de o reter (Heller-Sahlgren, 2023); vantagens salariais (Fialho, Quintini & Vandeweyer, 2019); ou motivação adicional para o envolvimento em processos formativos, designadamente por parte de adultos com menores competências, que são os que habitualmente mais arredados estão da participação educativa, sobretudo se esta tiver uma natureza formal (Helsing et al., 2023).

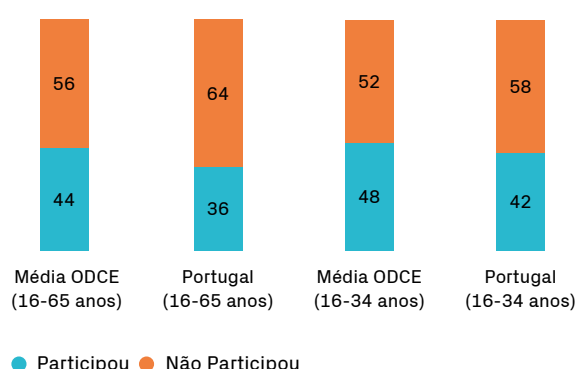
Procurando concretizar um primeiro passo analítico em direção à exploração deste tema, a apresentação dos dados seguintes, que integram o vastíssimo conjunto de resultados da edição do Inquérito às Competências dos Adultos realizada em 2022-2023 no âmbito do Ciclo 2 do PIAAC, revelam, para o caso português, antes de quaisquer outras considerações, o facto de o nível de participação dos adultos em atividades de Educação não Formal ser relativamente baixo, quando comparado com os valores médios que este indicador assume no conjunto dos países da OCDE.

Com efeito, na OCDE, em média, 44% dos adultos com idades compreendidas entre os 16 e os 65 anos afirmam ter participado em algum tipo de atividade de Educação não Formal nos doze meses anteriores à inquirição, valor que desce para 36% no caso dos adultos residentes em Portugal. No grupo dos adultos mais jovens residentes no país (16-34 anos), esta

proporção sobe para 42%, valor que converge ligeiramente com a média geral, mas que permanece abaixo do valor médio observado para este grupo etário no conjunto dos países da OCDE (Figura 2). De acordo com o entendimento proposto pelo PIAAC, incluem-se na Educação não Formal todas as atividades formativas, relacionadas ou não com a esfera do trabalho (“*job-related*”, “*non job-related*”), que não conduzam a certificação e não signifiquem a consecução de um nível de qualificação formal.

Figura 2

Participação do conjunto dos adultos (16-65 anos) e dos adultos jovens (16-34 anos) em atividades de Educação não Formal nos doze meses anteriores à inquirição, na OCDE (média geral) e em Portugal (%).



Fonte: OECD, *Survey of Adult Skills*, 2024.

Elaboração própria a partir de dados extraídos do *PIAAC Data Explorer*.

Se a distância que separa a proporção de adultos que em Portugal participa em atividades de Educação não Formal da média observada para este indicador no conjunto dos países participantes no PIAAC bastaria para sublinhar o muito que há a fazer neste domínio, os dados que comparam a proficiência média dos adultos que participam com a proficiência média dos adultos que não participam em Educação não Formal sugerem a necessidade de conferir atenção e prioridade acrescidas a esta questão.

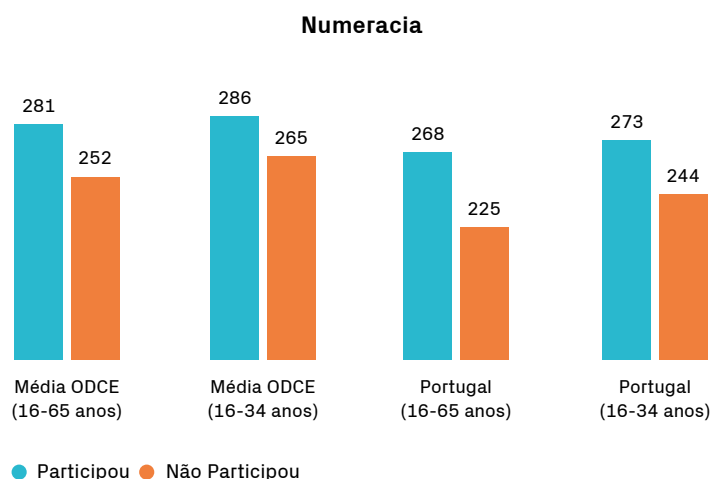
Ao analisarem-se os dados relativos à proficiência em numeracia – os resultados seriam idênticos se se considerasse a literacia ou a resolução de problemas –, verifica-se a existência de um diferencial positivo, e estatisticamente significativo, a favor dos adultos que participaram em Educação não Formal nos doze meses anteriores à realização do inquérito. No conjunto dos países implicados no Ciclo 2 do PIAAC, a proficiência média em numeracia dos adultos envolvidos em algum tipo de atividade educativa não formal atinge os 281 pontos, situando-se 18 pontos acima da proficiência média geral e 29 pontos acima da proficiência média dos adultos arredados da participação em Educação não Formal.

No caso português, a tendência é idêntica, mas com maior vantagem para os adultos que participam em atividades de Educação não Formal: estes apresentam um nível de proficiência em numeracia (268 pontos) situado 30 pontos acima da proficiência média geral e 43 pontos acima da proficiência média dos adultos que não participam naquele tipo de atividades. O padrão é similar no caso dos adultos mais jovens,

observando-se nos subgrupos dos que participam em Educação não Formal os níveis consistentemente mais elevados de proficiência em numeracia (Figura 3).

Figura 3

Proficiência média em numeracia do conjunto dos adultos (16-65 anos) e dos adultos jovens (16-34 anos), segundo a participação em Educação não Formal nos doze meses anteriores à inquirição, na OCDE (média geral) e em Portugal (escalas de 500 pontos)



Fonte: OECD, *Survey of Adult Skills*, 2024.

Elaboração própria a partir de dados extraídos do *PIAAC Data Explorer*.

Adicionalmente, é possível constatar que o diferencial de proficiência favorável aos adultos que participam em Educação não Formal se mantém estejam ou não as atividades formativas associadas às respetivas vidas e atividades profissionais. Ainda que a proficiência seja resultado de uma equação complexa – equação que os dados do PIAAC podem agora ajudar a desvendar para o caso português –, o que estes dados indiciam é que, independentemente da natureza ou feto da atividade escolhida, o que importa verdadeiramente é participar de forma regular em Educação não Formal.

Referências

- Cegolon, A. (2015). Determinants and learning effects of adult education-training: A cross-national comparison using PIAAC data. *Department of Quantitative Social Science – UCL, Working Paper No. 15-11*, 67 pp.
- Fialho, P., Quintini, G., & Vandeweyer, M. (2019). Returns to different forms of job related training: Factoring in informal learning. *OECD Social, Employment and Migration Working Papers*, 231, 84 pp.
- Heller-Sahlgren, G. (2023). Lifelong learning and employment outcomes: evidence from Sweden. *Education Economics*, 31(2), 189-210.
- Helsingier, A., Narine, D., Cummins, P. A., & Yamashita, T. (2023). Engaging low-skilled adults in education and training: Exploring participation rates, challenges, and strategies. *Widening Participation and Lifelong Learning*, 24(3), 81-112.
- Nygren, H., Nissinen, K., Hämäläinen, R., & De Wever, B. (2019). Lifelong learning: Formal, non-formal and informal learning in the context of the use of problem-solving skills in technology-rich environments. *British Journal of Educational Technology*, 50(4), 1759-1770.
- OECD (2024). *Do Adults Have the Skills They Need to Thrive in a Changing World?: Survey of Adult Skills 2023*. OECD Publishing.
- Sulkunen, S., Nissinen, K., & Malin, A. (2021). The role of informal learning in adults' literacy proficiency. *European journal for Research on the Education and Learning of Adults*, 12(2), 207-222.

UM GUIA PARA TRANSFORMAR IDEIAS EM AÇÃO

Ferramenta criada pela Agência Nacional Erasmus+ Juventude/Desporto e Corpo Europeu de Solidariedade reforça o papel da Educação não Formal na construção de políticas locais com e para jovens

Como envolver os jovens nas decisões que afetam diretamente as suas vidas? Como transformar ideias em políticas locais com impacto real? São duas das muitas perguntas que o Action Kit – Políticas Locais para a Juventude procura responder. Lançado pela Agência Nacional Erasmus+ Juventude/Desporto e Corpo Europeu de Solidariedade, este guia prático é uma poderosa ferramenta para todos os que trabalham com e para jovens – sejam eles técnicos autárquicos, educadores não formais, associações juvenis ou os próprios jovens.

Mais do que um manual, o Action Kit é uma convocatória à ação, convidando as comunidades locais a reconhecer a juventude como agente de mudança e a Educação não Formal como a catalisadora de uma participação democrática e de cidadania mais ativas.

“O Action Kit parte da premissa de que os jovens têm um papel central na vida local – não apenas como beneficiários, mas como cocriadores de soluções”, destaca a equipa da Agência Nacional responsável pela publicação.

Educação não Formal no centro das transformações

O Action Kit assume a Educação não Formal como base metodológica. Através de propostas práticas, exemplos inspiradores e ferramentas participativas, promove dinâmicas que valorizam a escuta ativa, o pensamento crítico, a experimentação e o diálogo entre diferentes atores.

Organizado em diferentes módulos, o Action Kit apresenta um percurso que vai desde o diagnóstico local até à construção de planos de ação. Inclui sugestões de atividades, mapas de

recursos, técnicas de facilitação e reflexões sobre os princípios da Educação não Formal e sempre com um olhar atento à diversidade e à inclusão.

Uma ferramenta com impacto europeu e local

Desenvolvido no âmbito do Programa Erasmus+ e alinhado com as prioridades europeias para a juventude, o Action Kit tem também um forte enraizamento local. Reconhece a importância das autarquias como espaços de proximidade e do papel que os técnicos de juventude podem desempenhar como pontes entre estruturas políticas e jovens.

A publicação está disponível em português e inglês, o que permitirá a sua disseminação noutros países europeus. Apesar de ter a sua versão física, pode ser descarregada gratuitamente no site da Agência Nacional.

Uma bússola para a mudança

Num tempo em que os jovens enfrentam múltiplos desafios como os do desemprego ou das alterações climáticas, o Action Kit surge como uma bússola para orientar práticas participativas, sustentáveis e transformadoras.

A Blink recomenda vivamente esta leitura, sobretudo a quem atua no terreno da Educação não Formal, políticas de juventude e trabalho comunitário. Porque, como o próprio kit afirma, “a mudança começa onde estamos, com quem temos, e com o que já sabemos fazer”.



SEM STRESS!

Gabriel e Rabia contam à Blink duas experiências diferentes de Educação não Formal. Um, partindo de Portugal para a Europa mais distante. Outra encontrando longe da Turquia a sua “casa”.



AOS 18, GABRIEL PERDEU O MEDO AO MUNDO

O Gabriel Cunha decidiu viver a aventura #DiscoverEU, que proporciona a jovens de 18 anos viajar pela Europa de comboio. Mas na verdade, a viagem começou de avião, entre Lisboa e o Luxemburgo, seguindo-se, já em carris, Antuérpia, Amesterdão, Berlim, Praga, Cracóvia, Viena, Bratislava, Budapeste, Liubliana, Veneza, Verona e Milão.

Gabriel explica a escolha com o desejo de conhecer destinos mais distantes e menos prováveis nas suas viagens habituais de férias em família. “Europa Central e Leste foi uma oportunidade para conhecer outras culturas. No fundo, quis ir mais longe”.

“Estive três dias em Cracóvia e se me pergunta o que mais me impactou nesta viagem, tenho de falar de Auschwitz, mas no geral, gostei muito das cidades da dita Europa de Leste. Sentia-me em casa”, referiu à Blink. O “espírito europeu” foi aliás um fator comum nesta experiência que mudou a sua vida: “perdi o medo e não tardará estarei de novo fora do país, talvez até já para fazer o mestrado do meu curso”, conclui.



O “HIJAB” DE RABIA É AGORA UMA OPÇÃO

Encontramos Rabia Aydin, 25 anos, em Barcelos, na IAFA - Associação Intercultural para Todos, no Norte de Portugal. Mas as suas origens estão na Turquia, na cidade de Samsun, a 10 horas de distância da ocidental Istambul, por comboio. O primeiro destino escolhido por Rabia para um intercâmbio foi Lion, em França, mas as coisas não correram bem, já que sentia que o “hijab” que lhe cobria a cabeça provocava algum incómodo.

Portugal foi então o país onde se encontrou consigo própria e a experiência foi tão boa que Rabia já regressou depois da primeira experiência para um programa de voluntariado. “Sinto-me muito bem em Portugal. Não sou alvo de comportamentos racistas, existe uma grande integração neste país e as pessoas são muito relaxadas. Estou a aprender a ser assim também, pois na Turquia é tudo mais stressado”, afirma.

Rabia fala em liberdade. “Sinto que posso ser eu mesma, com ou sem ‘hijab’ sou eu mesma. Sinto-me livre de o poder ou não usar. Sei que ninguém me vai apontar o dedo ou discriminar. E sinto-me útil naquilo que faço, dentro da área que gosto que é a área social. O trabalho que faço aqui é multicultural”.

B REAKING

E CULTURA URBANA COMO
ESCOLA DE CIDADANIA

Das ruas às instituições culturais, das batalhas às salas de aula, o breaking afirma-se hoje como uma importante ferramenta de Educação não Formal, capaz de transformar vidas, comunidades e até políticas públicas. Estas histórias mostram como a arte, o desporto, a cultura e a inclusão podem construir cidadãos mais conscientes, criativos, resilientes e até capazes de voar...



A cultura hip-hop surge como exemplo poderoso de como a expressão artística, o desporto e o ativismo social se cruzam para gerar oportunidades, fomentar inclusão e reforçar laços comunitários.

Das experiências de artistas e empreendedores culturais que criam centros de formação em bairros vulneráveis, aos festivais internacionais que reúnem milhares de jovens em celebrações de diversidade, como aquele que aconteceu no Porto recentemente e reuniu milhares de jovens de todo o mundo, passando por projetos europeus que integram refugiados, mulheres e comunidades marginalizadas, estas iniciativas mostram que aprender vai muito além da sala de aula.

O que une todos os protagonistas destas dez histórias que a Blink lhe apresenta é a convicção de que a dança educa, não apenas corpos, mas sobretudo cidadãos. Porque quando jovens encontram no breaking a sua disciplina, autoestima, cooperação e criatividade, estão também a aprender a ser parte ativa e transformadora da sociedade.

Foi pensando em tudo isto que a Agência Nacional Erasmus+ Juventude/Desporto e Corpo Europeu de Solidariedade promoveu este ano a primeira reunião do Steering Group Europeu de Breaking, que decorreu em Portugal. Um encontro que marcou a continuidade da estratégia de valorização das culturas urbanas enquanto motores de inclusão, participação juvenil e inovação metodológica. A iniciativa surge no seguimento de *The Power of Breaking: Dance, Inclusion and Youth Empowerment*, que lançou as bases para a criação de um ecossistema europeu de cooperação estruturada nos domínios da formação, do desporto, da cultura e da inclusão.

O encontro reuniu parceiros de vários países europeus com o objetivo de transformar a rede já existente num espaço de governação partilhada e planeamento estratégico. Entre as prioridades definidas, destacam-se a consolidação do modelo europeu de Breaking como disciplina reconhecida em políticas de juventude, educação e desenvolvimento cultural, bem como a necessidade de garantir coerência e qualidade na implementação de iniciativas com impacto local e internacional. Portugal foi também este ano palco do World Battle, competição que juntou os melhores executantes de breaking no incrível cenário do centro histórico do Porto.

A Blink assistiu e falou com alguns dos protagonistas, que assumem ângulos diversos sobre a temática e sobre como pode a cultura urbana contribuir para a formação de uma geração, fora das salas de aula.



“Quando jovens encontram no breaking a sua disciplina, autoestima, cooperação e criatividade, estão também a aprender a ser parte ativa e transformadora da sociedade”



Max Oliveira reforça breaking como ferramenta de inclusão e rede europeia

O português Max Oliveira, reconhecido mundialmente como dançarino, organizador e pedagogo do breaking, apresentou no Porto a sua visão sobre os quatro pilares que sustentam esta cultura: formação, desporto, cultura e inclusão. Fundador da Momentum Crew e criador de eventos icónicos como o Eurobattle e o WorldBattle, Oliveira acumula uma carreira de conquistas internacionais e colaborações com marcas globais como a Red Bull.

Para o português, formação é sinónimo de empoderamento, sobretudo junto de comunidades marginalizadas; o desporto é visto como uma linguagem universal que transmite disciplina e respeito; a cultura, como um elo entre diferentes identidades; e a inclusão, não como caridade, mas como justiça social. Como membro do grupo de desenvolvimento do breaking no WDSF e especialista da Federação Portuguesa de Dança Desportiva, defende que a União Europeia deve proteger e expandir esta rede de projetos, que já tem impacto direto na vida de jovens deslocados e em comunidades em risco.

Bogdan “Beat the Young Hustler” aposta em formação e igualdade no breaking

O romeno Nedelciu Bogdan, mais conhecido como Beat the Young Hustler, destacou no Porto a importância do breaking como espaço de formação, inclusão e transformação social. Com 16 anos de experiência na cultura hip-hop e três títulos mundiais de footwork, Bogdan atua como professor, treinador e organizador de eventos, preparando-se ainda para abrir um espaço criativo em Cluj-Napoca, na Roménia, em 2026.

Entre as suas iniciativas, salienta-se a criação de eventos que valorizam a presença feminina no breaking, como painéis de discussão exclusivos para mulheres e a competição 2v2 Thelma & Louise. Para Bogdan, o hip-hop nasceu como voz de comunidades marginalizadas e deve continuar a ser um espaço aberto à diversidade, onde vigoram valores como paz, amor, unidade e diversão. Defende ainda o princípio “Each One Teach One”, reforçando que todos têm um papel no crescimento coletivo da comunidade.

Roman Bedusenko usa o breaking como ponte para inclusão e educação em Portugal

Radicado no Porto, o b-boy e educador Roman Bedusenko apresentou o projeto “The Power of Breaking”, defendendo a dança como uma ferramenta de empoderamento juvenil, inclusão e transformação comunitária. Com formação que atravessa o breaking, a acrobacia, a house dance e até o jazz contemporâneo, Bedusenko dirige o MXM ArtCenter, no Porto, um espaço independente que cruza arte urbana, educação e intervenção social.

O centro trabalha com jovens de bairros vulneráveis através de oficinas, mentorias e programas públicos, em parceria com escolas, autarquias e instituições sociais. Bedusenko, também treinador licenciado pela FPDD e juiz internacional da WDSF, destaca que o breaking deve ser entendido não apenas como espetáculo, mas como metodologia educativa capaz de transmitir disciplina, resiliência e esperança. O seu contributo para os projetos europeus passa pela criação de sistemas inclusivos e sustentáveis, alinhados com os valores de solidariedade, equidade e diversidade cultural.

Darka: Breaking como Inclusão e Futuro

O lituano Darius “Darka” Marcinkus é uma das figuras centrais do breaking no seu país. Com uma carreira que começou em 1999, Darka é hoje líder da Lithuanian Breaking League, diretor da escola Extreme Dance School, que acolhe mais de 300 alunos, e produtor de campeonatos nacionais e internacionais.

A sua missão vai além da dança: promove a inclusão através de aulas gratuitas, sobretudo para jovens sem recursos e crianças refugiadas da Ucrânia, e defende que o breaking deve ser uma ferramenta de educação, cultura e integração social.

Nos campeonatos que organiza, integra tecnologias para medir resultados com rigor e oferece aos jovens uma trajetória clara: treino, competição e superação. “Breaking liga diferentes nações e comunidades. É mais do que um estilo, é um espaço de partilha, esforço e persistência”, sublinha.



Denys Lukashuk: Construir Pontes com o Breaking

Conhecido como B-Boy Den, o ucraniano Denys Lukashuk é campeão nacional de breaking (2022) e um dos embaixadores mais ativos da cultura hip-hop no seu país. Com mais de 20 anos de experiência, é professor, juiz internacional e criador de cursos online dedicados à formação de novos dançarinos.

Denys destaca o projeto Breaking Boundaries, uma plataforma que visa ligar comunidades locais, regionais e globais através do breaking. O objetivo é criar “hubs seguros” onde todos possam aprender, socializar e desenvolver projetos coletivos. “Cada experiência é única e valiosa para alguém. Precisamos de construir uma rede que conecte tudo isso, baseada na confiança, na partilha e no apoio entre gerações e países”, afirma. Para Lukashuk, o breaking é tanto uma expressão artística como uma ferramenta de união social e cultural.

Xedo: Hip-Hop como Missão e Serviço

O italiano Edoardo “Xedo” Bernardini é b-boy desde 2002 e vê no breaking muito mais do que dança: “é a minha forma de servir os outros através da arte, da educação e da comunidade”. Fundador do BreakDown Dance Project, uma das maiores escolas de breaking em Itália, Xedo também organiza eventos internacionais como a Freestyle Session Europe e atua como juiz em competições de topo, incluindo os Jogos Pan-Americanos, Europeus e qualificações para os olímpicos.

A sua visão é clara: “o breaking nasceu como resposta a situações de exclusão e continua a ter esse papel transformador”. Ao longo da sua carreira, trabalhou com jovens em contextos vulneráveis, criando espaços de inclusão e pertença. “Breaking não é sobre ego ou resultados, mas sobre comunidade e esperança”, defende.

Xedo participou em vários projetos europeus de intercâmbio cultural e acredita que o futuro da cultura Hip Hop passa por estruturar redes formais e sustentáveis que apoiem a juventude em todo o mundo. “Chamam-me Xedo, mas na verdade chamam-nos Hip-Hop. Porque esta missão é coletiva”, conclui.





Andrii “Pluto” Gregul trouxe a energia olímpica ao palco

Helsínquia esteve representada por um dos maiores nomes do breaking mundial: Andrii Gregul, mais conhecido como B-boy Pluto. Com uma carreira de 25 anos na dança e experiência em alguns dos maiores palcos internacionais - do Red Bull BC One ao Battle of the Year -, Pluto apresentou-se como artista multifacetado: dançarino, DJ e treinador.

É treinador da Seleção Nacional de Breaking da Finlândia e preparou atletas para os Jogos Olímpicos de Paris 2024. “O que me motiva é encontrar a abordagem certa para cada pessoa e oferecer ferramentas para que possam evoluir”, afirma. Além disso, Gregul destaca a importância da sua atuação na organização SADE ry, que promove a cultura urbana e aproxima jovens do hip-hop. No espetáculo, ficou clara a sua visão de que o breaking é não só competição, mas também comunidade e estilo de vida.

Ángel “Kadoer” Patiño celebrou uma vida dedicada ao breaking

Diretamente de Barcelona, Ángel Patiño, conhecido como B-boy Kadoer, começa por recordar os dias em que dançava nas ruas da Rambla em 1997, passando o chapéu para financiar as primeiras competições, até chegar à participação no histórico Battle of the Year em 2000.

Desde então, construiu uma carreira sólida: representou Espanha nove vezes em campeonatos mundiais, criou o projeto Street Dance Area em 2008 e colaborou com companhias de renome como Rafael Amargo e Brodas Bros. Hoje é também juiz oficial da WDSF e formador de novos talentos. “A minha vida tem sido dedicada a partilhar, formar, competir e construir comunidade”, diz Kadoer, sublinhando o valor educativo e inclusivo da cultura hip-hop.



Jona Wyns aposta no breaking como motor de transformação social na Bélgica

Com mais de 20 anos de percurso no hip-hop e no breaking, Jona Wyns, de Gent, é uma das vozes mais influentes na profissionalização e expansão desta cultura na Bélgica. Mestre em Gestão do Desporto e fundador do TWS – The Youth Home for Hip Hop, Wyns tem dedicado a sua carreira a construir comunidades inclusivas, criando ligações entre juventude, desporto e cultura.

Entre os seus projetos destacam-se o Breaking Blocks, apoiado pelo governo flamengo, que conecta comunidades diversas através de formação e masterclasses gratuitas, e a Legacy League, uma liga de breaking infantil acessível a todos os níveis. Jona é também um dos organizadores do Unbreakable Breaking Champs, evento que em 2023 trouxe 17.500 pessoas a Leuven e reuniu dançarinos de mais de 80 países. Para Wyns, o breaking é muito mais do que dança: é identidade, pertença e oportunidade. O objetivo agora é ampliar estas iniciativas a nível europeu, fortalecendo a cooperação entre comunidades.



Soria Rem (Babyson) dá voz às mulheres e à inclusão no hip-hop

A francesa Soria Rem, conhecida como Babyson, é um dos nomes pioneiros do breaking feminino na Europa. Membro do histórico Wanted Crew, foi a primeira mulher a vencer o Battle of the Year, em 2001, abrindo caminho para uma carreira marcada pela dança, pela coreografia e pelo ativismo cultural. Hoje, é diretora artística da sua companhia Art Move Concept, apoiada pelo Ministério da Cultura francês, e atua como jurada internacional da World DanceSport Federation.

Babyson destaca como o hip-hop transformou a sua vida e continua a ser uma cultura de abertura e oportunidade. Nas suas formações, acompanha desde profissionais a jovens em contexto escolar, promovendo autoconfiança e trabalho em equipa. Defende o breaking como desporto de alto rendimento, exigindo estruturas de apoio adequadas, e sublinha a importância da inclusão em todas as suas vertentes – género, origem social, religião ou deficiência. No final deste ano, assumirá ainda a codireção de um centro artístico em Île-de-France, consolidando o seu papel como referência da cultura urbana em França.



Dar o salto com a SALTO-YOUTH



Sabia que a plataforma europeia SALTO-YOUTH disponibiliza milhares de recursos gratuitos dedicados à Educação não Formal? E que estão acessíveis a educadores, facilitadores, animadores juvenis e organizações que atuam com jovens?

Através de ferramentas como a Toolbox for Training & Youth Work, é possível explorar, descarregar e aplicar mais de duas mil atividades práticas para formação, dinamização de grupos, desenvolvimento de competências, cidadania ativa, inclusão, sustentabilidade, entre outros temas. Os materiais incluem exercícios, jogos, simulações, dinâmicas de grupo e fichas de apoio pedagógico, testados em múltiplos contextos de juventude.

A plataforma tem ainda disponível o European Training Calendar, com centenas de formações e oportunidades internacionais; o diretório Trainers Online for Youth, com mais de 700 formadores ativos ou a plataforma Otlas Partner-Finding, que liga milhares de organizações de juventude em toda a Europa, promovendo parcerias e projetos Erasmus+.

Parlamento Europeu quer maior reconhecimento para a ENF



O Parlamento Europeu publicou este ano o briefing "Fostering participation in education and training throughout life", que destaca a importância de integrar a Educação Formal, a Educação não Formal e a Educação Informal em todas as idades como resposta a desafios de inclusão, empregabilidade e cidadania ativa.

O documento realça que a Educação não Formal é crucial para envolver jovens e adultos em contextos de voluntariado, associações e iniciativas comunitárias, defendendo que as competências adquiridas nesses ambientes devem ter maior reconhecimento oficial, inclusive através de sistemas de validação e certificação.

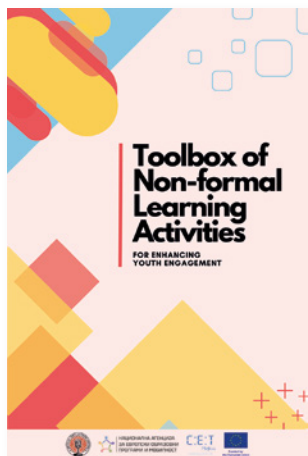
Segundo o relatório, investir na Educação não Formal é essencial para "chegar a públicos que a Educação Formal não alcança" e criar percursos de aprendizagem mais flexíveis, alinhados com as necessidades sociais e do mercado de trabalho.

50 anos de Educação não Formal na Europa



O livro "Building Europe Through Education, Building Education Through Europe" (Routledge, 2025) reúne capítulos de especialistas sobre o impacto das políticas educativas na construção europeia. Um dos destaques é o capítulo de Howard Williamson, "Non-Formal Education and Learning in Europe", que revisita 50 anos de práticas de Educação não Formal desenvolvidas pelo Youth Department do Conselho da Europa, de 1972 a 2022. Williamson elabora sobre como a ENF se tornou um pilar para a promoção de direitos humanos, democracia e Estado de Direito, destacando a forma como estas práticas ajudaram a moldar gerações de jovens e continuam a inspirar ONGs, centros juvenis e políticas locais em toda a Europa, reforçando a ligação entre aprendizagem formal, comunitária e democrática.

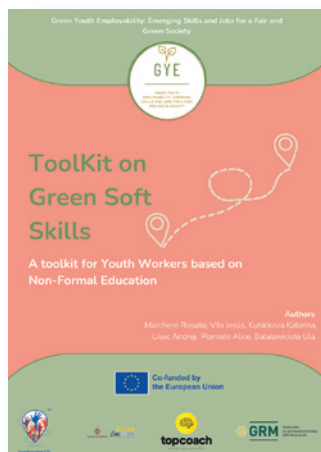
Toolbox of Non-formal Learning Activities for Enhancing Youth Engagement



Coleção de 8 atividades experienciais voltadas para participação juvenil, inclusão social e aprendizagem intercultural. Instruções completas (objetivos, públicos-alvo, avaliação, materiais necessários). Produzido em 2023 e publicado em fevereiro de 2024 via SALTO.



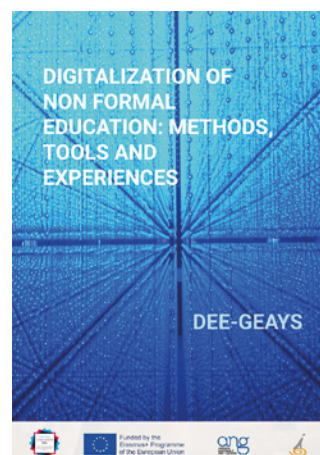
Toolkit on Green Soft Skills



Ferramenta baseada no GreenComp – European Sustainability Competence Framework (2022), voltada para competências verdes. Oferece três atividades por competência sustentável, adequadas ao trabalho juvenil e Educação não Formal. Disponível em várias línguas (incluindo português) desde setembro de 2024.



Digitalization of Non Formal Education: Methods, Tools and Experiences



Investigação de 2023 sobre digitalização da ENF, listando plataformas e estratégias para migrar metodologias não formais para o ambiente digital. Inclui recomendações estratégicas operacionais para organizações juvenis.



Blink

 Agência Nacional
Erasmus+ Juventude/Desporto
Corpo Europeu de Solidariedade

www.juventude.pt
www.europasolidaria.pt

